

NO CENTENÁRIO DE ASTRID LINDGREN: A GAVETA SECRETA DE PÍPPI MEIALONGA*

EMY BESEGHI**

A escandalosa Píppi, a irreduzível moleca, a irreverente, irônica e contestadora Píppi, é sempre atual. De fato, é um clássico ao qual se retorna continuamente. Depois de haver assinalado um decisivo divisor de águas na história da representação das meninas, a quem ofereceu novas e libertárias fantasias das quais se alimentar, Píppi permanece um exemplo a ser seguido para explorar recursos desconhecidos, para contagiar os leitores com sua força vital e pela sátira que dirige ao sistema de proibições do mundo adulto.

Píppi não conhece o desgaste do tempo. Cria ressonâncias novas, estabelece preciosas alianças com as suas leitoras, é um potente imã que, num crescendo de identificação empática, projeta-as com sua fértil fantasia em aventuras irresistíveis, com surpreendentes reviravoltas simbólicas. A originalidade e efervescência da trama, as desconcertantes invenções narrativas, a fonte inesgotável de criatividade, a incontrolável espontaneidade da personagem, tudo isso torna Píppi um ícone do imaginário infantil. Sua aventura é aquela de tantas meninas decididas a não abdicar de sua coragem ou de sua força inventiva, meninas intrépidas, prontas a desafiar as convenções, a desmascarar preconceitos e lugares-comuns.

* Tradução do original em italiano de Adriana Lech Cantuária, com revisão técnica de Ana Lúcia Goulart de Faria, docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O texto original encontra-se em *Rivista Infanzia*: mensile di esperienze e discussioni sull'infanzia e le sue scuole (Bologna, n. 12, p. 515-517, 2007).

** Professora de Literatura Infantil da Faculdade de Ciências da Formação, da Università degli Studi di Bologna. E-mail: beseghi@scform.unibo.it

De geração em geração, de país em país, de 1945 – data de sua primeira publicação na Suécia – às manifestações estudantis, ao feminismo de 1968 e até hoje, a voz de Pippi permanece um ponto de referência significativo, uma voz legitimada pela literatura infantil e, sobretudo, pelas meninas que demonstram compreender e seguir o chamado redentor da menininha com as meias compridas. Nascida como “Conto-Presente de Natal” para a filha doente, a história de Pippi torna-se uma preciosa herança para tantas outras filhas e sobrinhas de todo o mundo, transmitindo os valores próprios de uma genealogia feminina. Fiel ao seu “ser menina”, hilária mas também melancólica, menina diferente, com um jeito verossímil de tocar a verdade, a pequena heroína sueca recusa o crescimento, o teme, não se submete à natureza e tenta manter-se na infância, engolindo as famosas pílulas “Cunegandi”,¹ de forma a nunca tornar-se... “gandi” enquanto “o truque está exatamente aqui: quase todo mundo diz ‘grande’, e não se pode cometer erro pior, porque então se começa a crescer e não se para mais”.

A vivíssima Pippi Meialonga vive plenamente os territórios sempre pouco explorados da literatura infantil, mas realiza muitíssimas incursões na literatura popular. A dívida de Lindgren em relação aos grandes narradores orais é clara, a sua é uma declaração de poética decisiva e consciente. O vínculo com o próprio microcosmo rural, ligado à infância feliz da autora, se manifesta em toda a sua produção literária, mas é justo no seu romance mais célebre que ressoam mais fortemente os ecos do vínculo da feminilidade com sua terra, na qual o sentimento de sacralidade faz lembrar as antigas crenças panteístas da natureza. É exatamente a natureza, então, que se torna cenário e recipiente dos percursos iniciáticos por excelência da literatura escandinava, de Selma Lagerlöf a Karen Michaelis: ela representa uma importante função social, cultural e psicológica, território onde tudo é possível, onde dominam as fantasias mágicas e onipotentes do pensamento infantil.

As ilustrações de Elza Beskow, artista muito apreciada por Astrid Lindgren e Tove Jansson, parecem colocar-se como emblema desta natureza hiperidílica, de gosto iconográfico minimalista e representante de um mundo em miniatura, teatro ideal das aventuras de Pippi Meialonga e de suas “irmãs” do mundo literário, mas também ilha sonhada pelas leitoras de todos os tempos.

Os desenhos de Ingrid vang Nyman aludem a uma incrível árvore genealógica, tão relevante que impressiona quem a contempla. Píppi, de fato, parece descender do pequeno militante descamisado das barricadas, Gavorche,² parece remeter aos góticos moleques Max e Moritz,³ reencontrar todos os amigos de Yellow Kid,⁴ misturar-se às magras crianças errantes da Grande Depressão, aproximar-se das indefesas criaturas dos cartazes espanhóis da Guerra Civil, não descolar-se dos orgulhosíssimos órfãos dos quadrinhos americanos.

O fascínio duradouro de Píppi está, de fato, segundo Faeti, na sua constante referência à literatura infantil, onde o Sr. Nilson, macaquinho “do bem”, parece colocar-se como sobrinho que agrega todos os macaquinhos, de Collodi, de Robida, de Yambo. E onde Píppi parece evocar aquele mundo iluminado de sol que desperta Tom na ilha de Jackson, mas também do luar que permite ao Gato Félix fazer cambalhotas dançando. Píppi vai à escola? Poderia estar na classe de Max e Moritz, conhecer e admirar Lucignolo, apreciar Franti.⁵ Nela, sueca em tudo e por tudo, ressoa o humor potente, as zombarias de época, os sutilíssimos e quase proverbiais truques de Bertoldo,⁶ revive a eterna aurora dos “Sobrinhos do Capitão”, de Popeye, o encanto de uma subalternidade burlesca e “clownesca”, repleta de delicadíssima poesia.

Com uma ótica feminina, as ilustradoras italianas contemporâneas que revisitaram Píppi – numa mostra pela cooperativa cultural Giannino Stoppani (de Beatrice Alemagna a Chiara Carrer, de Nicoletta Ceccoli a Francesca Ghermandi, Octavia Monaco, Grazia Nidasio, Chiara Rapaccini, Serena Riglietti, Pia Valentini, Vanna Vinci, entre outros) – parecem olhá-la como encantadora irmãzinha do *Puer Aeternus*, pequena deusa de um Olimpo secreto que contém sempre a força silenciosa das crianças, o gosto por uma alteridade não capturável, onde macacos e cavalos falam de liberdade.

Heroína de mil faces, segundo os diferentes códigos visíveis, novos e provocadores, Píppi, como todo o clássico, resiste, se amolda, se prolonga no sonho feminino. Coloca-se visivelmente ora na histórica ascendência das meninas passionais, historicamente contestadoras, que tanto espaço tiveram na história da sátira em quadrinhos, ora se torna o duplo onírico de si mesma na multiforme Píppi, ora se abre àquela dimensão lunar de uma personagem em equilíbrio entre estradas, noites, espíritos, danças e sonhos. Píppi dialoga com as ilustradoras de

hoje, estimula-as, se oferece a novos campos de experimentação visual. Propõe um desafio efetivamente grande.

Pippi parece ser a resposta feminina a tantos livros que narram histórias de moleques. Todos do sexo masculino. E nasce da pena inspirada e inventiva de Astrid como um tipo de alteridade ingovernável ou de alter ego: “(...) não sou eu quem decide como devem ser minhas meninas. Elas fazem como querem, e sou eu quem devo me adaptar (...)” e, ainda, “muitas meninas dos anos 40 me escrevem, depois, já adultas, para me contar sobre o sentimento de libertação que experimentaram ao ler Pippi, e o quanto era importante que fosse uma menina (...)”.

As mulheres fortes, sábias e corajosas da infância de Astrid retornam como modelo positivo a se atingir, para renovar mensagens de liberdade. Pippi terá outras “irmãs” da literatura, independentes e capazes de indignar-se frente às injustiças: Ronya, Martina, Britta.⁷

A unidade dessa criação literária torna Pippi sempre nova, portadora de uma alternativa salvadora para tantas meninas: o poder e a força de serem elas mesmas. Pippi encarna sempre uma possibilidade: na sua maravilhosa Vila de Vilekula, mostra que a diversidade, tão penalizada no nosso mundo, é possível. Mais ainda, pode transformar-se em autonomia, felicidade, força prodigiosa. Pippi infunde coragem. Sabe que, na falta de apoio seguro, pode-se crescer com a própria capacidade. Do olhar livre de Pippi, capaz de subverter o juízo sobre as situações e as coisas, evidenciando os macroscópicos defeitos, sempre necessitaremos.

Os personagens de Astrid Lindgren – de Pippi a Lena ou Karlson – amam ir ao alto, talvez voar em um balão e, mais simplesmente, subir sobre as árvores e os telhados. São frequentemente acrobatas, padrões inconscientes do próprio corpo – como só as crianças às vezes sabem ser –, bem como malabaristas da linguagem, como Pippi, capaz até de demonstrar à professora a inutilidade de frequentar a escola.

Pippi se presta a uma multiplicidade de chaves interpretativas: modelo sueco de rebeldia, pedra fundamental do pensamento de gênero, pacifista, aventureira, antiautoritária. Mas está, sobretudo, dentro de cada menina que escuta a história. “Sou uma achadeira”, diz de si mesma. “O mundo é cheio de coisas que estão esperando ser encontradas”. Ela faz isso, sem medo, com a sorte dos audazes, a generosidade dos puros, a alegria dos inocentes, a sabedoria absurda das crianças.

Uma sabedoria temida pelos adultos, mas procurada pelas crianças como uma fonte que não vai se esgotar ou secar. Uma fonte a se buscar. O centenário de Astrid Lindgren é uma ocasião para reabrir a gaveta secreta de Pippi.

Notas originais da autora

- A. Faeti, Molto vicina, molto lontana, in: A. A. V. V. *Pippi Calzelunghe nelle figure*, Giannino Stoppani Bologna, 2007, p. 4.
- A. Faeti, E'arrivata una strega bambina con certificate di garanzia, *Mille Libri*, n. 7, 1988, p. 108.
- A. Faeti, *Molto vicina, molto lontana*, cit. p. 5.
- B. Masini, Cara Pippi, in: A. A. V. V., *Astrid Lindgren*, Giannino Stoppani Bologna, 2007, p. 25.
- G. Zoboli, *Astrid l'eretica*, in: A. A. V. V., cit. p. 27.
- D. Marceschi, *Sull'albero della poesia*, in: A. A. V. V., cit. p. 30.
- C. De Gregório, Pippi Calzelunghe, *La Repubblica*, 18-12-2005, p. 51.

Notas da tradução

1. Na tradução em português, as pílulas não foram nomeadas. No livro *Pippi nos mares do Sul*, lançado em 2003 pela editora Companhia das Letrinhas, elas são apenas descritas como “uma coisa exatamente idêntica a três grãos de ervilha amarela”.
2. Personagem de *Os miseráveis*, de Vitor Hugo.
3. Personagens criados e ilustrados por Wilhelm Bush, considerado o precursor da história em quadrinhos. Sua história, em sete capítulos, foi publicada em 1865. Foi traduzida no Brasil por Olavo Bilac, que nomeou os garotos como Juca e Chico.
4. Personagem principal de Hogan's Alley, pioneira tira em quadrinhos desenhada por Richard Outcault a partir de 1894.
5. Personagens de *Coração*, de DeAmicis.
6. Bertoldo é um personagem tradicional, meio atrapalhado, mas que sempre se dá bem.
7. Outras personagens femininas de Astrid Lindgren não traduzidas para o Brasil.